



CASAS DE FARINHA: UM SABER EM DISPUTA

Marisa Oliveira Santos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço Eletrônico: momarisa@gmail.com

Ana Elizabeth Santos Alves

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço Eletrônico: ana_alves183@hotmail.com

800

INTRODUÇÃO

É no processo da vida real, na produção da materialidade da vida, que a empiria ressoa a vida humana em sociedade. Não entendemos esse externar de uma maneira linear, mas pela sobreposição de cotidianos (HELLER, 2016) que demarcam rupturas e transformações decorrentes das relações sociais e de suas contradições em que homens e mulheres estão envolvidos, na produção do seu primeiro ato histórico, quer seja o trabalho humano (MARX e ENGELS, 2007). E nessa comunicação, em especial, cedemos nosso olhar para o trabalho realizado por homens e mulheres do campo em casas de farinha.

Dessa maneira, entendendo o trabalho como um processo histórico e educacional de homens e mulheres na luta pela sobrevivência, compreende-se o teor uno semântico entre trabalho-educação, assim colocado como indissociável e base ineliminável da condição humana. Afinal, desde que existe, o homem tem partilhado aquilo que o constitui (BOMBASARO, 1992, p. 12). Portanto, ao trabalhar e fazer história, o ser humano produz objetos, fenômenos, conhecimentos, memórias e sociabilidade com os demais indivíduos, compartilhando saberes do trabalho. Logo, torna-se inevitável a interconexão entre trabalho e educação (CIAVATTA, 2019).

Assim compreendido, é na práxis, ou seja, é no manuseio da mandioca e dos instrumentos de trabalho em casas de farinha que se aglutinam saberes do trabalho, veiculando homens e mulheres ao mundo. Sendo assim, os saberes são frutos do concreto, advêm da racionalidade humana e da historicidade do agir humano na vida real (BOMBASSARO, 1992, p. 20).

Saberes esses, compreendidos e alcançados pela classe trabalhadora como reflexo da experiência adquirida pelo trabalho que a educa. Inicialmente, pode parecer espontânea, mas a experiência inicia e idealiza previamente na prática produtiva (THOMPSON, 1981). Pois como também reforça Thompson (1981, p. 17) fora dos

Realização:



Apoio:





recintos universitários, outro tipo de conhecimento se processa o tempo todo, e também viabilizam a produção material da vida, bem como ajudam homens e mulheres, trabalhadores (as), a constituírem o estar sobre o mundo em meio às necessidades requeridas e às adversidades que lhes são impostas.

Nesse sentido, a tessitura ora posta e que roteiriza o presente estudo, abre para a revisitação aos saberes acumulados por homens e mulheres do campo em casas de farinha. Essa manufatura, de caráter artesanal, é responsável pelo processamento dos derivados da mandioca por meio do trabalho familiar. Historicamente, os saberes tradicionais da produção e do manuseio da matéria-prima, seguia uma transferência geracional, e atualmente sofre a ruptura do “saber-fazer” e coloca-se em estágio de transformação, ou por que não dizer, desvela um campo de disputa e de desarticulação de saberes, pelo movimento da autoria de alguns em detrimento da apropriação de outrem.

Sendo assim, na aproximação com o campo empírico e buscando aprofundar a intersecção trabalho-educação por meio das casas de farinha na comunidade de Campinhos no município de Vitória da Conquista, sudoeste baiano, essa comunicação tem por objetivo, verificar como o uno semântico vem sendo desarticulado na vida em comunidade, promovendo o enfraquecimento dos saberes que constituem a classe trabalhadora de homens e mulheres do campo. Assim detida a intenção desse estudo, algumas perguntas reforçam inquietantes indagações: Que saberes do trabalho são produzidos em casas de farinha? Qual a importância desse saber para a vida em comunidade? De que maneira os saberes do trabalho em casas de farinha estão em disputa? O que a disputa pelo saber e o desmonte de casas de farinha refletem na vida em comunidade?

METODOLOGIA

Mediante as observações e o movimento dialético sinalizados pela empiria por meio da experiência da classe trabalhadora com o saber do trabalho e requerendo a compreensão da realidade concreta, elegemos o materialismo histórico como método norteador do nosso campo de análise (MARX e ENGELS, 2007; THOMPSON, 1981). Tal escolha se justifica por entender que, se as Casas de Farinha se contrapõem ao modo de produção capitalista, e a condição de homens e mulheres do campo, encontra-se enfraquecida ou vulnerável como classe trabalhadora. Portanto, é necessário repensar e



refletir sobre a sua condição no movimento de transformação que os destitui e modifica o modo de vida dessa população (LUXEMBURG,1985).

Embasados na História Social do Trabalho, Hobsbawn (2013) e Thompson (2012) nos alicerçam na aproximação do campo empírico, observando o desmonte do trabalho familiar, a tempo em que dar-se voz à classe trabalhadora por meio de oitavas e rodas de conversas realizada entre 2018 e 2020, na comunidade de Campinhos, em três casas de farinha, narrativas que exploraram o entendimento do passado e de seus reflexos no presente, por intermédio das memórias de homens e mulheres que viveram e sofreram o efeito do processo de intervenção econômica, combatendo, dessa maneira, interpretações dominantes.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A história não é uma coleção de fatos mortos (MATTOS, 2019). É na sua processualidade que a ação humana, sob condições determinadas, permite que o homem construa sua história no concreto como um processo contraditório, em que determinadas formas de estruturar a vida humana em sociedade são mutáveis, logo, não são lineares, mas sofrem rupturas. Como diz Marx (2011), nos escritos do 18 Brumário, os homens fazem sua própria história, não em condições que gostariam, mas sob aquelas que lhes são concedidas.

Falar sobre Campinhos é falar de uma comunidade rural que por anos construiu-se no processo da vida real no plantio da mandioca e na produção dos derivados do referido tubérculo (goma, beiju, carimã, puba, tapioca). Expressões, como as “Casas de Farinha de Campinhos” ou “farinha de Campinhos” eram replicadas naturalmente pela linguagem local, conferindo-lhe uma espécie de identidade geográfica (MAIORKI e DALLABRIDA; 2015, p. 14). A expressão, tão eloquente (SANTOS,2007), hoje não é comumente associada à comunidade, percebe-se apenas uma parca rememoração ao vínculo local a esta atividade.

Compreendendo a processualidade histórica como algo inevitável das mutações e transformações sociais dentro do campo de contradições, a comunidade de Campinhos ressoa atualmente uma representação prática, que externa o processo contraditório em sua forma de estruturar a vida em comunidade, como se o passado ao revisitar o presente, tivesse apagado seus tempos de pujança produtiva e demarcado um novo movimento de produção da existência e da convivência com os interesses do capital,



que vem aproximando não tão lentamente da vida em comunidade, desarticulando o trabalho familiar e, conseqüentemente, os saberes do trabalho.

A casa de farinha produz saberes: saberes com a mandioca, com a produção dos seus derivados, saberes com o cultivo desse tubérculo. Nesse sentido, o primeiro saber em disputa está na ruptura da relação homem e natureza. A terra para homens e mulheres do campo é elemento fulcral de sua sobrevivência. Apartar o trabalhador rural da terra ou ceder novos sentidos a essa, é perversamente introduzir seu desmonte, a tempo em que viabiliza a construção de caminhos para a captura dos elementos que constituem o território e o modo de vida que acolhe homens e mulheres do campo.

Assinala-se também, se por ora a terra vai cedendo aos novos contornos impostos pela interpenetração do capital na vida em comunidade, é a especulação imobiliária na região de Campinhos que vem promovendo a concepção mercantil do trato com a terra. Nesse ínterim, os roçados, as hortas familiares vão aos poucos sendo apagados no cotidiano local e os saberes com a terra, vão sendo marginalizados, e abrindo frestas para os saberes impostos pela dinâmica do capital que se infiltra pelo comércio, pelos polos logísticos e industriais. Além disso, despoja-se, no projeto inevitável, o camponês do direito à terra, dos saberes acumulados, transformando-o de produtor independente em assalariado.

Nessa arena, são muitos os saberes em disputa e, seria impossível esgotá-los nessa comunicação. Mas se no nosso entendimento, o desmonte do trabalho familiar é alvo de investidura do capital, já que a singeleza de uma casa de farinha pouco o interessa (LUXEMBURG, 1985; MARTINS, 1996), que outros saberes estão sendo cooptados? Estão sendo cooptados e disputados os saberes do processo de trabalho, do saber fazer farinha, que vem sendo apropriado por grandes indústrias; pela produção da fécula que substitui ideologicamente, como espécie de facilitador, do trabalho de homens e mulheres do campo; e por fim, incoerente seria não sinalizar a produção intensiva de mandioca que acontece na região sudoeste, ultrapassando mais 500ha plantados pelo agronegócio, em comparação a dois ou três pratos plantados por meio do trabalho familiar.

Dessa forma, no movimento de transformação da vida real em comunidade, as casas de farinha nos emprestam uma perspectiva de olhar para o campo, ao detectar que tais movimentos de transformação não inserem o pequeno produtor. Tal movimento ceifa seu trabalho, subtrai o sentimento de pertencimento ao seu território, desapossando seus meios de produção. E por fim, na disputa pelos saberes, sua experiência é



escanteada, como se seu legado devesse ser apagado, para que sua força de trabalho ou seu estar sobre o mundo pudesse ser somente orquestrado pelos ditames do capital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando os modos de vida e os saberes do trabalho da classe trabalhadora passam a ser fontes de observação, entende-se que o que neles se modificam alteram a vida de homens, mulheres, crianças, idosos e demais viventes e que, ao alterar a dinâmica do cotidiano, vão, aos poucos, cedendo e sendo espectadores das transformações no espaço físico, no lugar onde se vive, onde se vê e se vive o mundo por meio de sua inserção numa sociedade mais ampla. O movimento poderia ser justo, mas aplaca o desmonte de uns para submergir o interesse de poucos na ótica capitalista. Assim, o mesmo movimento que modula as transformações é o mesmo que instiga a pensar que defender o modo de vida é defender o enraizamento, a persistência, o direito ao território, o direito à cultura, o direito de acesso à terra e aos recursos naturais de populações rurais inteiras, ou seja, é ter para si o direito de lutar pela vida no seu lugar de vida e de trabalho, que, quando desarticuladas em seu modo de viver pelo desapossamento, são apartados de sua identidade e do seu sentimento de pertencimento a um lugar, fortalecendo os desejos de interpenetração do capital na subtração e apropriação de saberes oriundos da classe trabalhadora.

804

PALAVRAS-CHAVE: Casas de farinha. Trabalho. Saberes. Disputa.

REFERÊNCIAS

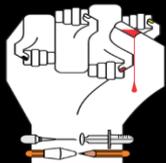
BOMBASSARO, Luiz Carlos. *As fronteiras da epistemologia: como se produz o conhecimento*, 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

CIAVATTA, Maria (org). **A historiografia em trabalho-educação**: como se escreve a história da educação profissional. Uberlândia (MG): Navegando publicações, 2019.

HARVEY, David. **Para entender o capital**. Livro I. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 11^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.



MARTINS, José de Souza. **O cativo da terra**. 6ª ed, São Paulo: Editora HUCITEC, 1996.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. Coleção Marx-Engels. Tradução e notas Nélio Schneider; Prólogo Herbert Marcuse. - São Paulo: Boitempo, 2011.

MATTOS, Marcelo Badaró. **A Classe trabalhadora: de Marx ao nosso tempo**. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2019.

THOMPSON, Edward P. **A miséria da Teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1981.

THOMPSON, Edward P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Organizadores: Antônio Luigi Negro e Sérgio Silva. 2ª ed. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2012.

MAIORK, G. J.; DALLABRIDA, V.R. **A indicação geográfica de produtos: um estudo sobre sua contribuição econômica no desenvolvimento territorial**. Revista INTERAÇÕES, Campo Grande, v. 16, n. 1, p. 13-25, jan./jun. 2015.